

Universidades Lusíada

Bucha, Luís Carlos

A casa como gesto : a arquitectura e a filosofia em diálogo

<http://hdl.handle.net/11067/8795>

Metadados

Data de Publicação	2026
Resumo	No embalo do ensaio da filósofa portuguesa Maria Filomena Molder, intitulado A Arquitectura é um gesto (2021), consideramos uma possibilidade de diálogo entre a arquitectura e a filosofia, assente num entendimento que se tece em torno das noções de Casa, de Gesto; em síntese, de Casa como Gesto. Esta premissa alude, de outro modo, à leitura de Molder sobre a arquitectura, do ponto de vista do pensamento filosófico, e, neste caso, em diálogo com as considerações tecidas pelo filósofo (e arquitec...
Tipo	bookPart
Editora	Academia de Escolas de Arquitectura e Urbanismo de Língua Portuguesa

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T22:00:08Z com informação proveniente do Repositório

ARQUIPÉLAGOS EM DIALÓGO

VI

SEMINÁRIO AEAULP



U LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
LISBON SCHOOL OF ARCHITECTURE
UNIVERSITY OF LISBON



fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



FACULDADE DE ARQUITECTURA E ARTES
DA UNIVERSIDADE LISBOA DE LISBOA



CRAMDES
INSTITUTO
DE COORDENAÇÃO
DA LINGUA
PORTUGUESA

CIELP
Centro de Estudos
Linguísticos da
Universidade de Lisboa

AIPC
Associação
de Instituições
Portuguesas de
Cabo Verde



LIVRO DE ATAS DO VI SEMINÁRIO DA AEAULP

TÍTULO

ARQUIPÉLAGOS EM DIÁLOGO

EDITORA

Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa

EDIÇÃO

Pedro Rodrigues, Ljiljana Čavić, Hugo L. Farias

COMISSÃO ORGANIZADORA

Pedro Rodrigues (coord.), Ljiljana Čavić (coord.cient.), Alessia Allegri, Ana Magalhães, Ana Paula Gurgel, Angélica Benatti Alvim, Álvaro Puntoni, Caio Frederico e Silva, Eduarda Lobato Faria, Fernando Hipólito, Gertrudes Silva Oliveira, Gleice Elali, Helena Botelho, Hugo Farias, Inês Teixeira Alves, João Rafael, Joana Malheiro, Joanita Cristina Rodrigues, Manuela Fonte, Maria Elisabete Orrico de Pina, Sérgio Fernandes e Stefanos Antonionis.

DESIGN DE IMAGEM

Maria Resende

PAGINAÇÃO

Carolina Freitas

ISBN: 978-989-53462-7-1

Lisboa, 2026

COMISSÃO CIENTÍFICA

Adalberto Heck - UNISINOS São Leopoldo

Alessandra Gobbi - UNISC

Alessia Allegri - FA ULisboa

Ana Beja da Costa - FA ULisboa

Alvaro Puntoni - FAU-USP

Ana Carolina Correia Lima - Universidade de
Brasília

Ana Claudia Scaglione Veiga de Castro - FAU-USP

Ana Gabriela Godinho Lima - FAU - Mackenzie

Ana Magalhães - CITAD Universidade Lusíada

Ana Marta Feliciano - FA ULisboa

Ana Paula Borghi - Universidade de Brasília

Ana Vaz Milheiro - FA ULisboa

Ana Vasconcelos - FA ULisboa

Andréa de Lacerda Pessôa Borde - FAU - UFRJ

Andrea Queiroz Rego - FAU - UFRJ

Ângela Mingas - UNIVERSIDADE LUSÍADA DE
ANGOLA (ULL)

Angélica Benatti Alvim - FAU - Mackenzie

António Leite - FA ULisboa

Bruno Acácio Ferreira Figueiredo - EAAD,
Universidade do Minho

Caio Silva - Universidade de Brasília

Carlos Dias Coelho - FA ULisboa

Carlos Lampreia - CITAD Universidade Lusíada

Carlos Nuno Lacerda Lopes - Universidade do
Porto

Celia Regina Meirelles - FAU - Mackenzie

Cesar Shundi Iwamizu - FAU-USP

Clara Germanes Gonçalves - FA ULisboa

Claudino Borges - UniPiaget, Cabo Verde

Cristina Cavaco - FA ULisboa

Cristina Henriques - FA ULisboa

Débora Becker - UNISINOS Porto Alegre

Deborah Macedo dos Santos - Universidade
Federal do Cariri

Domingos Augusto Macucule - FAPF UEM

Edson Mahfuz - UFRGS

Eduarda Lobato Faria - FA ULisboa

Eunice Helena Abascal - FAU - Mackenzie

Fernando Hipólito - FAA ULL

Filipa Serpa - FA ULisboa

Francisco Oliveira - FA ULisboa

Gertrudes Silva Oliveira - UniPiaget, Cabo Verde

Giuliana de Brito Sousa - Universidade Federal do
Tocantins

Gleice Elali - UFRN

Gustavo Orlando Fudaba Curcio - FAU-USP

Helena Botelho - FAA ULL

Hugo Farias - FA ULisboa

Iazana Guizzo - FAU - UFRJ

Inês Teixeira Alves - UniPiaget, Cabo Verde

Ivo Pereira Oliveira - EAAD, Universidade do Minho

Jeferson Tavares - IAU USP

Joana Malheiro - FA ULisboa

João Mendes Ribeiro - DA UCoimbra

João Miguel Couto Duarte - CITAD / Universidade
Lusíada

João Paulo Cabeleira Marques Coelho - EAAD,
Universidade do Minho

João Pedro Costa - FA ULisboa

João Rafael - FA ULisboa

João Tique - FAPF UEM

Jonathas Magalhães Silva - PUC-Campinas

Jorge Cruz Pinto - FA ULisboa

Jorge Figueira - DA UCoimbra

Jorge Mealha - FA ULisboa

Jorge Nunes - FA ULisboa

Jorge Spencer - FA ULisboa

José Luís Saldanha - ISCTE-IUL

José Miguel Rodrigues - Universidade do Porto
(UP)

José Nuno Beirão - FA ULisboa

Juan José Mascaró - UPF

Judite Medina Nascimento - Uni-CV / FCT

Juliana Andrade Borges de Sousa - Universidade
de Brasília

Luís Antônio Jorge - FAU-USP

Luis Lage - FAPF UEM

Luís Miguel Gomes - ISCTE-IUL

Luísa Sol - FA ULisboa

Luiz Carlos Schneider - UNISC

Luiz Guilherme Rivera de Castro - FAU -
Mackenzie

Manuela Fonte - FA ULisboa

Maria Alice Medeiros - PUC / RS

Maria Cristina da Silva Schicchi - PUC-Campinas

Maria de Lourdes Zuquim - FAU-USP

Maria João Moreira Soares - CITAD / Universidade
Lusiada

Marianna Boghosian Al Assal - Escola da Cidade

Margarida Louro - FA ULisboa

Marta Sequeira - ISCTE-IUL

Miguel Amado - Técnico ULisboa

Mónica Pacheco - ISCTE-IUL

Niuxa Dias Drago - FAU - UFRJ

Nuno Mateus - FA ULisboa

Paula André - ISCTE-IUL

Paulo Almeida - FA ULisboa

Paulo Emilio Buarque Ferreira - FAU-USP

Paulo Jorge Sousa Cruz - EAAD, Universidade do
Minho

Paulo Tormenta Pinto - ISCTE-IUL

Patrícia Samora - PUC-Campinas

Pedro Gaspar - FA ULisboa

Pedro Luz Pinto - ISCTE-IUL

Pedro Ravara - FA ULisboa

Pedro Rodrigues - FA ULisboa

Ricardo Zúquete - FAA ULL

Rita Ochoa - FA ULisboa

Rogério Vieira de Almeida - DINÂMIA'CET-Iscte

Sergio Fernandes - FA ULisboa

Sergio Marques - UFRGS

Sergio Moraes Rego Fagerlande - FAU - UFRJ

Sergio Proença - FA ULisboa

Stefanos Antonionis - FA ULisboa

Susana Matos - UNIVERSIDADE LUSÍADA DE
ANGOLA (ULL)

Tatiana Sakurai - FAU-USP

Teresa Cálix - CEAU-FAUP

Teresa Madeira da Silva - ISCTE-IUL

Teresa Marat-Mendes - ISCTE-IUL

Teresa Rodeia - ISCTE-IUL

Thiago Montenegro Goes - Universidade Federal
de Goiás

Túlio Tibúrcio - Universidade Federal de Viçosa

Viviane Manzione Rubio - FAU - Mackenzie

Włodzimierz Szymaniak - UniPiaget, Cabo Verde

ARQUIPÉLAGOS EM DIÁLOGO

Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa

VI Seminário Internacional AEAULP

Cidade da Praia, Cabo Verde

2 a 5 de dezembro de 2025

A CASA COMO GESTO a arquitectura e a filosofia em diálogo

Luís Carlos Bucha

*Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design [CITAD], Faculdade de
Arquitectura e Artes; Universidade Lusíada, Lisboa, Portugal
luiscarlosbucha.arch@gmail.com*

RESUMO

No embalo do ensaio da filósofa portuguesa Maria Filomena Molder, intitulado *A Arquitectura é um gesto* (2021), consideramos uma possibilidade de diálogo entre a arquitectura e a filosofia, assente num entendimento que se tece em torno das noções de *Casa*, de *Gesto*; em síntese, de *Casa como Gesto*.

Esta premissa alude, de outro modo, à leitura de Molder sobre a arquitectura, do ponto de vista do pensamento filosófico, e, neste caso, em diálogo com as considerações tecidas pelo filósofo (e arquitecto) austríaco Ludwig Wittgenstein, num discurso filosófico que encadeia a teoria da linguagem e a arquitectura. Por intermédio deste ensaio de Molder, como também de outras referências teóricas provenientes tanto do domínio da arquitectura, como da filosofia, a compreensão da noção de *Gesto*, por sua vez, permitir-nos-á repensar a noção de *Casa* enquanto facto arquitectónico, pois entendemos que essa noção admite um horizonte de (re)significação em fluxo de pensamento, sugerindo um diálogo crítico. Esse diálogo crítico permite reconfigurar a ideia de *Casa*, a qual, interrogada por via do desenho (arquitectónico) sugere, como relembra o arquitecto português Álvaro Siza Vieira, uma expressão cruzada de gestos “carregados de história, de inconsciente memória, de incalculável, anónima sabedoria”.

Entendemos que é nessa teia de gestos que emerge o reencontro, o diálogo, de dois arquipélagos de conhecimento – a arquitectura e a filosofia –, que, por sua vez, oferece o território, o lugar, para a definição de uma ideia de *Casa como Gesto*, erguida sobre a palavra, o desenho e a língua – no caso, a língua portuguesa.

Palavras-chave: Casa, Gesto, Arquitectura, Filosofia, Teoria da Linguagem.

Eixo temático: 6. Teoria, crítica e linguagem.

[O] gesto torna-se uma trama de reciprocidades, uma vez que ao gesto daquele que olha responde o gesto daquilo que é olhado, a saber, a arquitectura, não enquanto edifício construído, mas enquanto actividade.

__Maria Filomena Molder, *A Arquitectura é um gesto* (2021)

Prólogo

Em 1942, o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) (1980: 42e) observa e escreve o seguinte: “Architecture is a *gesture*. Not every purposive movement of the human body is a gesture. And no more is every building designed for a purpose architecture.”

Em 2021¹, a filósofa portuguesa Maria Filomena Molder (n. 1950) traduz a premissa inicial de Wittgenstein, referindo, desse modo, que a “Arquitectura é um gesto [*Geste*]” (2021: 24), motivando-a a compor, no ensaio homónimo, um conjunto de “variações” com o intuito de sugerir uma relação entre a filosofia e a arquitectura.

Molder, ao propor essa relação interdisciplinar, encontra na noção de *gesto* uma possibilidade de abarcar o discurso filosófico de Wittgenstein em torno da Teoria da Linguagem (e da Lógica), um tema de maior importância para o filósofo austríaco, reflectido no seu *Tratado Lógico-Filosófico* [*Tractatus Logico-Philosophicus*] (1922), como o matemático português José Tiago de Oliveira (1928-1992) (2002: XV) refere em nota introdutória à edição portuguesa: “A linguagem, e os seus limites, é, no fundo, o tema essencial do «Tractatus». Ela é a forma de expressão (modelização) (do nosso conhecimento) da realidade. A lógica pretende ser o denominador comum das formas de expressão com sentido, a partir de proposições-base [...]” Com base nesta observação, entendemos que a linguagem (e a ampliação dos seus limites) oferece uma possibilidade para a filosofia e a arquitectura se associarem, confirmando, assim, uma “afinidade entre o trabalho do filósofo e o trabalho do arquitecto.” (Molder, 2021: 7)

Num primeiro momento, a presente reflexão será motivada por um entendimento deste gesto de afinidade que, na perspectiva de Molder, se define na possibilidade de dois saberes – no caso, a arquitectura e a filosofia – se reencontrarem numa linguagem comum. Essa linguagem é definida por uma teia de intertextualidades e de reciprocidades, as quais não só conduzem a expressão do pensamento filosófico, como, também, permitem que se explore o potencial da noção de *gesto*, segundo a leitura wittgensteiniana feita por Molder. Como reflexo da afinidade dos gestos do filósofo e do arquitecto, naturalmente, o nosso olhar deter-se-á no gesto do arquitecto que clarifica o pensamento, não apenas no domínio das ideias e princípios, mas, também, na sua dimensão concreta. Neste caso, em Wittgenstein, o seu gesto manifesta o pensamento de um “filósofo-arquitecto” que, entre 1926 e 1928, aquando de uma “pausa” na sua prática filosófica, *pensou* e *desenhou*, uma causa “até aos pormenores mais ínfimos, seguindo com severidade a [...] [sua] construção” (Molder, 2021: 11), casa essa que, até hoje, causa intriga, estimulando a reflexão teórica e a prática artística contemporâneas.

Seguidamente, uma vez imersos nesse reencontro, direccionamos o nosso olhar para a fenda aberta pelo desenho e pela palavra, procurando analisar, em detalhe, a importância desses gestos, tanto no acto de projectar, como no pensamento filosófico. Ambos os gestos são assumidos como manifestações de uma acção, de uma actividade, correspondendo ao entendimento da linguagem, da filosofia e da arquitectura por Wittgenstein. Nessa afinidade dos gestos, apercebemo-nos, também, da presença de uma ressonância do *continuum* desenho-escrita do arquitecto português Álvaro Siza Vieira (n. 1933), para quem tanto o desenho, como a palavra não são meros instrumentos de um sistema, mas um ‘lugar’ onde os actos de projectar e de pensar arquitectura se materializam, como veremos, pelo gesto da mão que desenha, sempre, como um acto de *começar* que contraria o acto de *acabar*. De igual modo, esta singularidade amplia-se ao gesto da mão

¹ De acordo com Molder (2021: 49), este ensaio teve duas versões em francês, ambas publicadas como capítulos de livros em 2015: a primeira versão com o título: “L’architecture est un geste – Variation sur un motif wittgensteinien”; a segunda versão com o título: “Habiter: un secret manifeste”.

que escreve, como o psicanalista português Carlos Campos Morais o descreve num ‘esquisso’ feito de palavras:

“Com ou sem paredes, portas, ou janelas, desdobra-se, sob múltiplas formas. Uma escrita-escrita, um desenho-figurativo, um desenho-esquisso, um desenho-*design*, um desenho escultura, um desenho-geometria, técnico, projecto, um desenho-volume, casa, monumento, circulação, passeio, ponte, jazigo... Uma escrita, um desenho, um objecto, um fluxo, um *continuum*.” (2009: 9)

Por fim, propõe-se a aproximação do gesto à expressão resultante dos movimentos que operam no pensamento e no desenho que, desse modo, modelam uma noção de *casa*. Entendemos que esta noção de *casa* admite um horizonte de (re)significação, em virtude da profundidade e do valor que o gesto abarca em si, conferindo-lhe uma condição generativa por via da palavra e do desenho. É nesse mesmo plano que assentamos as fundações para a noção de *Casa como Gesto*, com o intuito de consolidar o diálogo entre as duas personagens que protagonizam esta reflexão: por um lado, *a arquitectura enquanto gesto* que se configura por via da palavra e do desenho; por outro lado, *a filosofia enquanto gesto* que se expressa pelas palavras numa linguagem, eminentemente, de natureza arquitectónica.

1. O Gesto na Arquitectura e na Filosofia

1.1. Uma noção de *gesto*

A noção de *gesto*, como sugerido por Molder na epígrafe inicial, tece uma “trama de reciprocidades”, entrelaçando o nosso entendimento do mundo, seja por via do pensamento (filosófico) que se escreve pela palavra, seja por via do espaço (arquitectónico) que se projecta pelo desenho. Partindo da raiz latina *gestus*, -*ūs*, o termo significa, por um lado, um movimento (ou um conjunto de movimentos) do corpo humano que, num contexto social, reforça, de um modo expressivo, a transmissão de pensamentos ou de sentimentos; por outro lado, além desta dimensão de fisicalidade, o termo *gesto* pode também assumir um sentido mental ou simbólico, quando nos referimos a atitudes, actos ou procedimentos dirigidos a alguém ou a algo. (Porto Editora, 2021; Academia das Ciências de Lisboa, 2023)

O *gesto* emerge, então, como um dos mais elementares e primevos instrumentos de que o ser humano dispõe, por via de um conjunto de movimentos e da respectiva síntese na expressão deliberada de algo, seja material ou imaterial. O arquitecto alemão Christian Gänshirt (2021: 139) reforça essa leitura ao referir que a noção de *gesto* “provides an ideal example for examining fundamental questions: the relationship between inner ideas and what is actually expressed.”

Reconhecemos, assim, uma tensão pulsante na noção de *gesto*, a qual emerge de dois modos: por um lado, na efervescência da interioridade e abstracção do pensamento e das ideias; por outro lado, na expressão desse fenómeno efervescente que se concretiza na realidade objectiva do mundo. O *gesto pensado* e o *gesto desenhado* – que, no contexto desta reflexão, se manifestam no discurso filosófico e no desenho arquitectónico – comportam uma representação simbólica que oferece sentido ao seu propósito. Esse sentido é o fundamento sobre o qual se propõe a reconstrução da noção de *casa* e, por extensão, o mundo onde o gesto adquire a sua fisionomia. Molder (2021: 25) veicula esta ideia na perspectiva de Wittgenstein: “O gesto é uma variação da particular fisionomia expressiva de uma palavra, uma espécie de ligação afectiva às palavras que para Wittgenstein se manifesta pelo modo como os seres humanos as escolhem e as valorizam.”

À semelhança de Molder, também Gänshirt (2021: 142) alude a Wittgenstein – referindo-se a este último enquanto filósofo e arquitecto – para realçar o valor do gesto no encadeamento entre a génese de uma ideia e a sua expressão, que, no caso, tem lugar na arquitectura. “Remember the impression one gets from good architecture, that it expresses a thought. It makes one want to respond with a gesture.” (L. Wittgenstein, 1980: 22e) Esta impressão de Wittgenstein sugere que a arquitectura possa, então, transcender a sua condição mais óbvia, isto é, a da construção objectual, na medida em que o desenho (arquitectónico), enquanto

dimensão, ou lugar, de experimentação gestual do pensamento visual e espacial, admite a abstracção necessária para que a arquitectura possa ser entendida como gesto.

1.2. O gesto de um filósofo-arquitecto

Como reflexo da noção de *gesto* acima sugerida, entendemos que a afinidade entre a arquitectura e a filosofia possa ser personificada na figura de Ludwig Wittgenstein. Neste caso, o gesto de Wittgenstein manifesta o pensamento de um filósofo-arquitecto que, entre 1926 e 1928, aquando de uma interrupção na sua prática filosófica, *pensou* e *desenhou* uma casa para a sua irmã Margarethe Stonborough-Wittgenstein (1882-1958), conhecida como Gretl. Essa casa, que Ludwig designaria como Palais Stonborough (Leitner, 2000: 22), é hoje comumente conhecida como 'Haus Wittgenstein' [Casa Wittgenstein], e está localizada em Kundmannngasse 19, no centro de Viena, na Áustria. É, até hoje, um objecto arquitectónico intrigante, que estimula, em larga profusão, a reflexão teórica e a prática artística contemporâneas.

Inicialmente, Gretl confiou o projecto a Paul Engelmann (1891-1965), um discípulo do reputado arquitecto austríaco Adolf Loos (1870-1933). Engelmann já havia prestado os seus serviços a dois irmãos Wittgenstein, Paul (1887-1961) e Hermine (1874-1950) (H. Wittgenstein, 1984: 6). Ludwig Wittgenstein, entretanto, associou-se, formalmente, ao projecto iniciado por Engelmann. Contudo, acabou por assumir, em pleno, o desenvolvimento do projecto de arquitectura e o acompanhamento da sua construção, como a sua irmã Hermine descreve:

"Engelmann, whom we valued very much as an architect, [...] drew up the plans at Gretl's home and with her constant collaboration. Then Ludwig arrived on the scene, became interested in his intense way in the models and plans, began to modify them, and became more and more obsessed with the project until eventually he took it over completely. Engelmann had to give way to the much stronger personality, and the house was then built under Ludwig's supervision and following Ludwig's modified version of the plans down to the last detail." (H. Wittgenstein, 1984: 6)

Entendemos que, nesse período, o gesto de projectar uma casa desafiou e transformou o perfil estrito da lógica que pautava a filosofia e a teoria da linguagem de Wittgenstein. Esta metamorfose é sugerida por Molder, ao estabelecer um possível cruzamento entre a casa e o perfil filosófico do *Tratado Lógico-Filosófico*, publicado em 1922:

"[A] casa construída para Gretl é uma demonstração relevante da metamorfose do pensamento wittgensteiniano que anuncia o projecto das *Investigações Filosóficas*. [...]. Não será de mais acentuar o elemento ascético, frugal, suspensivo e destrutivo da filosofia de Wittgenstein, que vigora tanto nos anos preparatórios do *Tractatus*, como naqueles em que a sua influência é ainda notória." (Molder, 2021: 11)

Ainda que a leitura de Molder contribua para o encontro de uma afinidade entre a arquitectura e a filosofia, importa sublinhar que a Casa Wittgenstein não deve ser entendida como uma mera tradução, ou prolongamento, do pensamento filosófico que consta no *Tratado Lógico-Filosófico*, como referido pelo filósofo francês Jean-Pierre Cometti (1944-2016) (2007: 142). Pelo contrário, esta casa é um objecto arquitectónico que deve ser lido e compreendido na linguagem da arquitectura, pois, precisamente, é nessa condição que desperta um amplo conjunto de questões em torno da relação entre a filosofia wittgensteiniana e a sua arquitectura. (Leitner, 2000; Last, 2023)

É também por essa via que intuimos que Molder, com base na profundidade da noção de *gesto*, encontra a referida afinidade que, no caso, se manifesta na metamorfose do pensamento de Wittgenstein. Aliás, essa metamorfose, viabilizada pelo gesto na arquitectura, é confirmada por Wittgenstein como um "trabalho sobre si próprio" (Molder, 2021: 9), algo que o próprio viria a reconhecer numa observação de 1931: "Working in philosophy – like work in architecture in many respects – is really more a working on oneself. On one's own interpretation. On one's way of seeing things. (And what one expects of them.)." (Wittgenstein, 1980: 16e). Por sua vez, esta observação é reforçada na seguinte reflexão da arquitecta e teórica norte-americana Nana Last, que destaca o papel da arquitectura na metamorfose do pensamento filosófico de Wittgenstein:

“The practice of architecture served an inextricable role in metamorphosing Wittgenstein’s philosophy of language from the logic-based approach advanced in the *Tractatus* to the practice-based method indicative of the *Investigations*. [...] Wittgenstein’s movement outside philosophy into architecture ultimately formed the basis for both his re-engagement with and re-conceptualization of the discipline.” (Last, 2023: 71)

A metamorfose mencionada por Last adquire uma camada adicional de sentido quando Molder (2021: 11) realça a reflexão autocrítica de Wittgenstein acerca “da casa que concebeu até aos pormenores mais ínfimos, seguindo com severidade a sua construção.” Como refere Wittgenstein, “[The] house I built for Gretl is the product of a decidedly sensitive ear and *good* manners, an expression of great *understanding* (of a culture, etc.) But *primordial* life, wild life striving to erupt into the open – that is lacking.” (Wittgenstein, 1980: 38e) Embora o filósofo-arquitecto considerasse a casa desprovida de uma “*primordial* life, wild life”, Molder consegue discernir essa dimensão vital nos “pormenores mais ínfimos”, descrevendo-os como elementos arquitectónicos “com um impressionante poder expressivo escultórico.” (2021: 12) Esta leitura é corroborada pelo artista austríaco Bernhard Leitner (n. 1938), ao sublinhar o modo como a linguagem arquitectónica (e filosófica) de Wittgenstein se manifesta em cada elemento da casa que projectou:

“In Wittgenstein’s architecture details cannot be separated from the whole, they are interdependent. Each element of his architecture, such as the floor grille for the heating, the metal door, the dining room wall or the door handle, is aesthetically self-contained. [...]. They reference one another and are closely interlocked in their meanings. [...] Only an architectural language so condensed in intellectual and aesthetic terms can justify the aesthetic decision, unique in the history of architecture, to make the door handles in the house of different lengths, depending on the particular function and proportions of the door.” (Leitner, 2000: 172, 178)

Reconhecemos, deste modo, que a Casa Wittgenstein, resultado do gesto de um filósofo-arquitecto, transcende a sua condição objectual. Embora o seu valor seja singular no contexto da história da arquitectura moderna, a sua relevância assenta, sobretudo, no modo como serviu de ensaio para um novo capítulo no pensamento de Wittgenstein.

Durante o seu desenvolvimento, a casa, enquanto gesto desenhado de Wittgenstein, teve um efeito catalisador no seu gesto filosófico que viria, mais tarde, a tomar forma com as *Investigações Filosóficas* [*Philosophische Untersuchungen*], publicado, postumamente, em 1953. Como observado por Nana Last (2023: 67): “[The] house provided a means by which one might look at the spatio-linguistic concepts forming the core of the [Philosophical] Investigations’ development of a practice-based, spatial grasp of -language. We see this in the text’s repetitive turning to this shared territory between architecture and philosophy as a primary site of philosophical investigation.”

Perante esta leitura, entendemos que a *casa*, como expressão do gesto de projectar (e ao abrigo do gesto filosófico), não se cinge ao domínio da arquitectura enquanto prática e pensamento. Há, como vimos, uma afinidade, uma partilha de um território de diálogo, entre a arquitectura e a filosofia como um gesto que não apenas estimula, como alarga e redefine, no nosso entender, os limites da linguagem do pensamento crítico.

2. Um reencontro entre o gesto do desenho e o gesto da palavra

Ao reconhecermos a importância do desenho e da palavra na expressão do gesto, destacamos o acto de projectar e o discurso filosófico como manifestações de uma acção, de uma actividade. A Casa Wittgenstein é, como vimos, um modelo deste reencontro de gestos e de saberes. O gesto, neste contexto, procura, activamente, alimentar o reencontro destes dois territórios do saber para que ‘dialoguem’ e, assim, alarguem o seu alcance. Esse diálogo tem uma origem longínqua, com uma relação de parentesco radicada numa linguagem com afinidades, como constatado pelo filósofo português Diogo Ferrer (2006: 52): “[A] filosofia utiliza, no centro do seu modo de pensar, diversos termos arquitectónicos e relativos à construção, ao mesmo tempo em que a arquitectura opera com processos conceptuais similares aos da criação filosófica.”

Nessa afinidade de gestos, fundada numa linguagem que, em parte, é comum, também se manifesta em Álvaro Siza Vieira, para quem o desenho e a palavra – como já vimos, um *continuum* desenho-escrita – constituem um lugar de pensamento e de reinvenção do espaço arquitectónico, revelado, porventura, no seu arquétipo fundacional: a *Casa*. Como já sugerido na epígrafe inicial, para Molder, a afinidade entres estes dois territórios do saber decorre do modo como são explorados por aqueles que neles produzem gestos de “um trabalho sobre si próprio” (2021: 7). Esse mesmo trabalho não se trata, como Molder o esclarece, citando Wittgenstein, de um acto “introspectivo [de] ‘observar-se a si próprio’” (2021: 8), mas um processo de transformação, “uma metamorfose sofrida por aquele que está a tornar-se filósofo ou arquitecto.” (2021: 9)

2.1. O gesto de Começar em Siza Vieira

Para Siza Vieira, a arquitectura é um gesto em contínuo, feito de começos que se desdobram: é sempre um acto de recomeço. Nunca será um gesto para acabar, pois a arquitectura, como a filosofia, vive da sua actividade e nunca do seu término, como foi já aqui aludido por Molder, numa das suas variações sobre a aproximação de Wittgenstein à arquitectura. Aliás, para Siza, o termo *acabar*, em arquitectura, é “[u]ma palavra imprecisa, uma espécie de erro de tradução, a substituir pela palavra *começar*.” (2009: 366)

Em oposição ao remate da reflexão do arquitecto, reflectido no texto “Arquitectura: Começar-Acabar” (2007), o gesto de *começar* abarca uma sucessão de gestos, movimentos e acções que conduzem o acto de projectar em arquitectura. Este acto, no pensamento de Siza, é desdobrado em outros seis actos que chamam a si o corpo ancorado nos afectos e perceptos que ensaja, tanto pelo pensamento como pelo desenho.

Sem desvirtuar o conteúdo e o sentido originais do referido texto, adaptamos e realçamos, formal e graficamente, o valor simbólico de cada [Acto], bem como os **gestos** que Siza, em sintonia com o seu corpo, projecta – porventura, uma *Casa* – em verbo:

“Começar

[Acto I.] **Ver** [...] os postes cravados no terreno segundo o risco imaginado. Corrigi-lo porventura.

[Acto II.] **Ver** [...] o projecto gravado no solo, a fundação materializada [...].

[Acto III.] **Ver** [...] os muros elevados até à cota desejada. [...]. **Percorrer** o terreno, experimentando a sucessão de fragmentos de um corpo inteiro presente na memória. [...]

[Acto IV.] **Percorrer** [...] os espaços cobertos e os abertos. Apreciar a densidade, os alinhamentos e as rupturas e a luz [...].

[Acto V.] **Revestir, colorir, apalpar, ajustar** a abertura das pálpebras e **conter** a inquietação dos olhos, **abrir** os ouvidos aos ruídos e silêncios, **sentir** o odor e o gosto sem origem dos espaços.

Ensaiar e poder **corrigir** sem limite.

[Acto VI.] **Voar** e aperceber-me de que tudo o que a vista alcança pertence àquele corpo – e simultaneamente que ele é possuído por tudo. [...]

Incluir o que não se vê e o que já não se vê.” (Siza, 2009: 365-366)²

2.2. A arquitectura como *continuum* desenho-escrita

Ver, Percorrer, Apreciar, Revestir, Colorir, Apalpar, Ajustar, Conter, Abrir, Sentir, Ensaiar, Corrigir, Voar, Incluir: todos estes gestos, movimentos e acções, expressos pela palavra do arquitecto, enunciados no infinitivo e, por isso, em suspenso, apontam, no nosso entender, para um modo de pensar a arquitectura como um fluxo, um gesto em contínuo que vive da sua plena abertura. A força da forma verbal de cada gesto é enunciada como se de uma coreografia se tratasse, ensaiando uma aproximação à matéria que dá corpo à

² Ênfase dada pelo autor deste artigo.

casa, sem nunca se afastar da dimensão imaterial que os gestos verbais utilizados por Siza comportam, reiterando que Siza, como vimos, não se revê num acto final do fazer e, acrescentamos, do pensar arquitectura.

Em Siza Vieira, o pensar arquitectura também se reflecte, embora com menor expressão, num *continuum* de desenho-escrita que adopta, por vezes, uma dimensão aforística. Embora este desenho-escrita aforístico de Siza, no seu conjunto, não constitua, em termos formais, uma teoria subjacente à prática da sua arquitectura, oferece um conjunto de indícios que contribuem para a descodificação dos gestos deste arquitecto. Para Siza (2009: 37), “Todos os gestos – também o gesto de desenhar – estão carregados de história, de inconsciente memória, de incalculável, anónima sabedoria.”

Embora Siza Vieira opte, preferencialmente, pelo gesto de desenhar, as suas representações não deixam de ser povoadas pelas palavras que, à semelhança do desenho, são testemunhos de um universo gráfico de expressão generativa, no qual se define uma linguagem de procura, de aprendizagem, de compreensão, de comunicação, de transformação; no fundo, uma linguagem de projecto onde a narrativa de um espaço arquitectónico – porventura, uma *Casa* – manifesta-se, inicialmente, no gesto espontâneo do desenho e da palavra.

Ao encarmos a arquitectura como um *continuum* entre desenho e escrita, a prática manifesta-se em gestos abertos, dinâmicos e interdependentes. Estes gestos permitem a constante reinvenção do espaço arquitectónico e do pensamento que o fundamenta. Essa visão encontra afinidade com o pensamento de Wittgenstein, que, através da sua filosofia e teoria da linguagem, entendia, como vimos, esta reflex não como um sistema fechado e codificado, mas como uma actividade em fluxo, um processo de procura, aprendizagem e transformação. Assim, entende-se que, tanto Álvaro Siza Vieira, como Ludwig Wittgenstein partilham a noção de *gesto* como uma acção contínua, uma vez que o gesto, seja na arquitectura ou na filosofia, nunca acaba; pelo contrário, vive do seu próprio recomeço. Este entendimento reforça a noção de que a arquitectura, enquanto acto generativo e de reflexão, deve ser entendida como um processo em aberto, no qual o desenho e a palavra escrita se entrelaçam numa práxis – uma linguagem de natureza espacial que se reinventa e se redefine por via de um pensamento operativo em contínuo.

3. A Casa como Gesto

Considerando a profundidade expressiva do gesto, manifestada pelo desenho e pela palavra, a *Casa*, enquanto facto arquitectónico, é um gesto carregado de significado. Nela se reflectem a identidade, a cultura e a condição humana, num diálogo contínuo entre o espaço individual – “A casa é o eu de cada um” – e o espaço colectivo – “A casa é o eu e nós” (Siza, 2009: 350).

Ao reconhecermos que o gesto, tanto no desenho, como na escrita, gera uma narrativa contínua, plena de um sentido de abertura e de *começo*, sugere-se um reencontro de saberes. Este reencontro concebe a *linguagem como gesto*, isto é, uma linguagem crítica imbuída de um movimento de questionamento que nos permite repensar a noção de *Casa*. Como arquétipo fundacional da arquitectura, a *Casa* é aqui argumentada como um contínuo gesto de reflexão que aprofunda o entendimento da condição humana, assente na linguagem, no desenho arquitectónico e no pensamento filosófico.

Álvaro Siza, num texto intitulado “A casa” (2006), reflecte sobre este arquétipo num horizonte alargado. A sua primeira frase, “A casa é um abrigo.” (2009: 349), é uma tradução simples, mas profunda, desse entendimento. Além dessa condição primordial, a *Casa* é, também, um *leitmotiv* que *abriga* um universo de significados entre o individual e o colectivo. Estes tecem o gesto da expressão humana num mundo que é, também, o *abrigo*, a *casa* para outras espécies, fazendo “parte de uma quadrícula imensa, rota aqui e ali, emendada por muralhas por rios por fronteiras imaginárias, por longas protuberâncias, por pontes e por túneis e por nós imateriais.” (Siza, 2009: 350)

O gesto manifesta-se, assim, em encontros e reencontros de expressão: pensado, desenhado, filosofado, construído. A estes, acrescentamos, o gesto poético, como manifestado pelo poeta português Manuel António Pina (1943-2012), que, no seu poema *Como se desenha uma casa* (2011), alude à noção de *casa* como um *gesto em aberto*. Entendemos que Pina sugere que acedemos ao estado de uma *casa em potência* tirando partido da sua condição de ruína: “Uma casa é as ruínas de uma casa, / uma coisa ameaçadora à espera de uma palavra; / desenha-a como quem embala um remorso, / com algum grau de abstracção e sem um plano rigoroso.” (Pina, 2011: 9)

A propósito destas representações poéticas de temas como a *casa* e a *ruína*, importa regressar a Molder, e, por sua vez, a Wittgenstein, para nos debruçarmos sobre uma outra *Casa*: a Cabana Wittgenstein (1914-1918), um refúgio do filósofo austríaco abeirado sobre o fiorde de Sogne, em Skjolden, Noruega. A sua condição quase inexistente – pois nada mais resta do que as fundações – é um ponto de partida sugestivo para a presente reflexão. Como Molder (2021: 33) questiona: “Que vemos nós nesta fotografia de Skjolden? [...] no meio, as ruínas de uma casa, mais precisamente as suas fundações, às quais a natureza já deitou mão.” Detendo-se no “problema das fundações”, Molder (2021: 34) sugere que Wittgenstein poderá ter respondido ao problema filosófico “O que é saber?” com uma inversão da metáfora arquitectónica: “I have arrived at the rock bottom of my convictions. And one might almost say that these foundation-walls are carried by the whole house.” (1969: 33e).



Fig. 01. Fundações da Cabana de Ludwig Wittgenstein, em Skjolden, Noruega. © Mark Riley, 2016.

Esta inversão, que toma as ruínas da pequena “casa-refúgio” de Wittgenstein (Fig. 01) como uma representação concreta, permite a Molder (2021: 36) reiterar que, embora a vertigem do tempo faça com que

as fundações de uma casa sejam “a última visibilidade”, a sua existência só ganha espessura quando se considera que ela é, na sua essência, um gesto em *continuum* que transcende a mera condição objectual. A casa só existe, plenamente, *em potência*, como um *gesto em aberto*, quando nos deparamos com a sua ausência ou ruína.

Epílogo

Nesta reflexão, sugerimos uma revisitação da teoria da arquitectura através de uma abordagem crítica e aforística que desenha uma cartografia do pensamento. Ao tomar a rota do *Gesto*, procurámos alcançar o porto que abriga a noção de Casa, com o intuito de a devolver, de um modo renovado, ao mundo; em particular, ao arquipélago de países, culturas e escolas de arquitectura e urbanismo que, em língua portuguesa, alargam os limites da prática e do pensamento destes territórios do saber, numa abordagem atenta aos desafios e necessidades prementes que definem a contemporaneidade.

A nossa viagem foi conduzida, essencialmente, por figuras que marcam essa contemporaneidade: a filósofa Maria Filomena Molder; o arquitecto Álvaro Siza Vieira; e, ainda, o filósofo-arquitecto Ludwig Wittgenstein. Este último, em “pano de fundo”, une, em diálogo, os dois *gestos* do saber, no caso, a Arquitectura e a Filosofia, enquanto territórios do conhecimento que, por via da Linguagem, nos interessou colocar em diálogo cruzado, com o intuito de enriquecer a trama de relações inter e transdisciplinares que, cada vez mais, são escassas numa realidade descompassada, numa existência humana desprovida de espaço e de tempo para reflectir os efeitos (positivos e negativos) resultantes dos gestos que se manifestam, com recurso à mão, da palavra à linha (que anulam o vazio); da frase ao esboço (que procuram e questionam ideias); do parágrafo à planta e ao corte (que projectam essas ideias); do livro à casa (que constituem e configuram espaço).

Nesta teia de *gestos* escritos e desenhados, está subjacente o projecto de um espaço arquitectónico; no caso, de uma Casa cujas fundações assentam, deliberadamente, sobre um plano de virtualidade. Nessa casa, que existe em potência, o espaço não se deixa definir pelos limites de uma forma, constituindo, ao invés, uma *casa em aberto*, habitada por uma constelação de saberes, de figuras, de alusões que tecem, directa ou indirectamente, o pensamento teórico da arquitectura. A experiência de Wittgenstein, que viu na concepção de uma casa um lugar que pode ser um exercício de distanciamento crítico, com potencial para reavivar e diversificar a prática e o pensamento. A Casa, neste contexto, não emerge apenas das fundações, paredes e cobertura, mas de gestos entrelaçados na matéria do tempo, conferindo espessura e densidade ao espaço arquitectónico que gera um lugar onde o pensamento teórico da arquitectura encontra um espaço para o diálogo com outros territórios do saber (além da filosofia), permitindo que o conhecimento daí resultante se reinvente, num gesto incessante. Num paralelismo entre o entendimento por Wittgenstein (1969: 62e) de que “Language did not emerge from some kind of ratiocination”, consideramos que a Teoria da Arquitectura, porventura, não terá emergido de um raciocínio, mas de uma actividade, de uma “fisionomia em acto, uma multiplicidade de rostos vivos.” (Molder, 2021: 13)

Em suma, procurámos sondar a palavra, o desenho e a linguagem para reunir a arquitectura e a filosofia, num diálogo alimentado pelo *gesto* pulsante que desenha a Casa como *leitmotiv* para uma procura. É uma procura que se traduz num *continuum* desenho-escrita que abraça a arquitectura como uma actividade além de construtiva e a celebra como uma expressão humana que se dissemina do individual para o colectivo. A casa é, em si, um testemunho, um monumento, um *gesto* que desafia, ainda que inevitavelmente, a condição de ruína.

“O monumento é um gesto da memória. É um gesto que reconhece e subverte a ruína da vida.”, diz-nos Maria Filomena Molder (Pinto & Tostões, 2023: 166). Se o monumento é feito dos ecos da memória do gesto humano, então, na vasta diversidade geográfica e cultural, a casa, por efeito, é o seu *começo*.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto <UID/04026/Centro de Investigação em Território, Arquitetura e Design> com o identificador DOI <10.54499/UIDB/04026/2020 (<https://doi.org/10.54499/UIDB/04026/2020>)>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. (2023). Gesto. In A. SALGADO (Coord.), Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa. <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/gesto> (Acedido a 1 de Agosto de 2025).

COMETTI, J. P. (2007). The architect's gesture. ARETÉ – Revista de Filosofia (Lima), 19 (1), 135–155. Obtido de <https://doi.org/10.18800/arete.200701.008>

ENGELMANN, P. (1968). Letters from Ludwig Wittgenstein, with a memoir. (B. F. McGUINNESS, Ed.: L. FURTMÜLLER, Trad.) New York: Horizon Press. Obtido de <http://archive.org/details/lettersfromludwi00ludw>

FERRER, D. (2006). Arquitectura e filosofia: do projecto à morada. Jornal Arquitectos (Lisboa), 224, 52–55. Obtido de https://arquitectos.pt/ja_arquivo/JA_224.pdf

GÄNSHIRT, C. (2021). Tools for ideas: Introduction to architectural design (J. REISENBERGER & M. ROBINSON, Trad.; 3.^a ed). Basel: Birkhäuser.

LAST, N. (2023). Wittgenstein's house. In D. BARTMANSKI, H. FÜLLER, J. HOERNING, & G. WEIDENHAUS (Eds.), Considering space (59–72). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003361152-5>

LEITNER, B. (2000). The Wittgenstein house. New York: Princeton Architectural Press. Obtido de <http://archive.org/details/wittgensteinhous0000leit>

MOLDER, M. F. (2021). A arquitectura é um gesto: Variações sobre um motivo wittgensteiniano. (2.^a ed.). Lisboa: Sr. Teste.

PINA, M. A. (2011). Como se desenha uma casa. Lisboa: Assírio & Alvim. Obtido de <https://recursos.areaseditores.pt/recurso?&id=11903402>

PINTO, P. T., & TOSTÕES, A. (Eds.). (2023). A monumentalidade crítica de Álvaro Siza (1.^a ed.). Porto: Circo de Ideias.

PORTO EDITORA. (2001). Gestus. In Dicionário de Latim - Português. (2.^a ed., p.302). Porto: Porto Editora. Obtido de <http://archive.org/details/porto-editora-dicionario-latim-portugues-2a-ed>.

RILEY, M. (2016). Thinking place: Re-imagining Wittgenstein's hut at Skjolden. Obtido de <https://thinkingplace.org/wittgenstein/>

SIZA, A. (2009). 01 textos. (C. CAMPOS MORAIS, Ed.). Porto: Civilização Editora.

WITTGENSTEIN, H. (1984) My brother Ludwig (M. CLARK, Trad.). In R. RHEES (Ed.), Recollections of Wittgenstein (1-11). Oxford: Oxford University Press.

WITTGENSTEIN, L. (1969). On certainty. (G. E. M. ANSCOMBE & G. H. VON WRIGHT, Eds.; D. PAUL & G. E. ANSCOMBE, Trad.) New York: J.& J Harper Editions. Obtido de <http://archive.org/details/oncertaintyengl0000unse>

— (1980). Culture and value. (G. H. VON WRIGHT, Ed.; P. WINCH, Trad.) Chicago: University of Chicago Press. Obtido de http://archive.org/details/culturevalue0000witt_t4i7

— (com OLIVEIRA, T. de). (2002). Tratado lógico-filosófico: Investigações filosóficas (M. S. Lourenço, Trad.; 3.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.